

**HELDER
MALDONADO**

PREFÁCIO DE DEUSDETE NEGARESTANI

É POSSÍVEL UNIR O BRASIL?

O SONHO IMPROVÁVEL
DE UM BRASIL SEM TRETA
NO GRUPO DA FAMÍLIA

**HELDER
MALDONADO**

PREFÁCIO DE DEUSOETE NEGARESTANI

**É POSSÍVEL
UNIR O
BRASIL?**

O SONHO IMPROVÁVEL
DE UM BRASIL SEM TRETA
NO GRUPO DA FAMÍLIA

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Helder Maldonado, 2026
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2026
Todos os direitos reservados.

Preparação: Ligia Alves

Revisão: Lais Chagas e Valquíria Matioli

Diagramação: Negrito Produção Editorial

Capa: Ana Vitoria

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Maldonado, Helder

É possível unir o Brasil? / Helder Maldonado. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2026.
144 p.

ISBN 978-85-422-4024-5

1. Brasil – Política e governo I. Título

25-5577

CDD 320

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil – Política e governo

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2026

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora Planeta do Brasil Ltda.

Av. Paulista, 854, 2º andar – Bela Vista

São Paulo – SP – CEP 01310-913

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

SUMÁRIO

Prefácio: O brasileiro nunca existiu, de Deusdete Negarestani.	7
Introdução: O brasileiro cordial mostrou os seus dentes.	15
Um país que sempre se odiou (em segredo)	19
Pequenas igrejas, grandes negócios	23
Playboys de Porsche e a sobrinha do Tio Paulo	29
O agro é pop e paga o cachê de muita gente	37
A imprensa finge que nada tem a ver com isso	49
Forças Armadas: a mamata nunca acaba	59
8 de janeiro de 2023 e 1º de abril de 1964	65
Golpes, pirâmides, e a crença no bilhete premiado entrou na política	71
O patriota que odeia tudo que é brasileiro	81
Bolsonarismo em transe	87

Quem mais reclama de polarização é quem menos quer unir o Brasil	97
Conclusão: Seremos unidos?	109
Notas	115
Agradecimentos	143



UM PAÍS QUE SEMPRE SE ODIOU (EM SEGREDO)

Antonio Candido dizia que o mito do homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda é mal-compreendido, porque na realidade não pressupõe a bondade do cidadão brasileiro, e sim o predomínio de comportamentos de aparência afetiva.⁶

Para atualizar o conceito, poderíamos dizer que o cidadão de bem não é de fato alguém determinado a fazer o bem, mas alguém que sustenta um conjunto de valores em público que vende a ilusão de ser um sujeito trabalhador, religioso, conservador e correto. No sigilo, porém, esse indivíduo trai a mulher com garotas de programa e travestis, gabarita o Código Penal, participa de algum trambique, é caloteiro e só vai à igreja para mostrar que adquiriu uma nova SUV e exibir os dentes de porcelanato parcelados em doze vezes.

Aqueles que fingem espanto diante do país dividido ignoram que, em maior ou menor grau, as coisas não eram tão

diferentes antes. E os requintes de crueldade representam mais o Brasil que o futebol e o samba. A história por aqui é marcada por violência, tortura e conflitos. Guerras civis permearam esses cinco séculos, mas ganharam nomes menos impactantes, como Revolta ou Inconfidência. Quando falamos nisso, aliás, é importante dizer que os embates entre povo, elites locais e governo sempre terminam com alguma cena que seria proibida para menores de dezoito anos em filmes da Netflix.

Ignoramos que um dos nossos feriados, o Dia de Tiradentes, em 21 de abril, celebra um acontecimento de extrema violência. Inconfidentes mineiros rebelados contra o aumento da carga tributária, que afetava principalmente a classe média, foram condenados à morte em praça pública a mando da Coroa portuguesa, em 1792. O dentista, militar e minerador Joaquim José da Silva Xavier, conhecido como Tiradentes, foi enforcado por contestar o aumento dos impostos.

Outra data eivada de sangue é 20 de novembro, que celebra a Consciência Negra e que a partir de 2024 passou a ser feriado nacional. Esse foi o dia da morte de Zumbi, em 1695. Conhecido popularmente como Zumbi dos Palmares, esse líder quilombola pernambucano incomodou as autoridades locais ao lutar pela emancipação de seu povo. O resultado da subversão foi a eliminação do revolucionário, que teve a cabeça cortada pelo capitão Furtado de Mendonça. Sua cabeça foi salgada e entregue ao governador Melo e Castro, um troféu a ser ostentado como na comemoração de uma copa do mundo, uma medalha olímpica.

O sertanista que caçou Zumbi recebeu de Dom Pedro II um prêmio de 50 mil réis pela façanha.

Se hoje em dia abrimos um portal de notícias e depa-ramos com a polícia rodoviária federal utilizando o porta-malas de uma viatura como câmara de gás improvisada para matar um homem que estava conduzindo sua moto sem habilitação,⁷ tendemos a perguntar: como foi que o Brasil ficou tão violento?

A resposta, infelizmente, é: não ficou, sempre foi. Nós é que esquecemos e normalizamos as violências cotidianas. Tomamos cerveja e assamos churrasco no dia em que uma figura histórica foi decapitada, teve a cabeça salgada e cujo assassino ainda recebeu um prêmio em dinheiro do imperador por ter metido a faca no pescoço de alguém que lutava para emancipar negros.

O Brasil sempre se odiou, mesmo que em segredo ou dissimuladamente. Fingimos muito bem que o problema começou agora, porque aderimos à tática de deixar embaixo de escombros históricos as tragédias que antecederam nossa geração, sempre anistiadas para não melindrar os verdadeiros culpados.

PEQUENAS IGREJAS, GRANDES NEGÓCIOS

Casos isolados acontecem todos os dias no Brasil. Policial mata, pastor estupra, padre pratica pedofilia, ícone anticorrupção é pego em esquema de fraude e qualquer tipo de hipocrisia imaginada pode e vai acontecer com frequência por aqui.

Só que, em nossa sociedade, as camadas mais pobres e mais escuras ficam estigmatizadas, enquanto os crimes em outras esferas não apenas são perdoados como são esquecidos, temporizados e justificados de todas as maneiras.

Uma das frases mais ouvidas em qualquer conversa de bar ou táxi é “bandido bom é bandido morto”. É possível tentar compreender a revolta de uma população vítima da violência que já chegou a enterrar quase 60 mil pessoas assassinadas num mesmo ano,⁸ mas o que está por trás disso é ofuscado.

O nosso Estado tem o histórico de punir arbitrariamente. É mais comum mandar para a cadeia envolvidos em

furtos e no tráfico de pequenas quantidades de drogas do que autores de homicídio, um crime que pode levar quase nove anos para ser elucidado.⁹ Isso quando o caso vem a ter uma solução. O Instituto Sou da Paz revelou que apenas 35% dos homicídios dolosos são resolvidos no país, enquanto a média mundial é de 63%.¹⁰

Isso sem falar dos crimes do colarinho-branco, no âmbito do mercado financeiro, julgados pela justiça federal. Por mais que soe como verdade incômoda, o ladrão de celular que rouba para comprar uma cervejinha não é nosso maior problema. O Estado brasileiro – o que é bastante irônico – acredita que quem arrebatou um celular ou uma correntinha na rua representa maior risco à sociedade do que um ricoço que feriu o Código Penal e deve um bilhão ao Estado, a exemplo de Eliana Tranchesi, dona da Daslu.¹¹

Eliana foi tratada da forma mais justa possível quando a Operação Narciso apontou seu envolvimento nos crimes de descaminho, formação de quadrilha e falsidade ideológica. Ela praticamente nem precisava pedir *habeas corpus*. Era sempre concedido como um bônus para a empresária, talvez em respeito ao fato de ela ser uma nobre geradora de empregos e não merecer tanto a cadeia quanto um desempregado de Floripa, que foi condenado por ter roubado uma garrafa de bebida no valor de 100 reais depois que Dias Toffoli se recusou a aplicar o princípio da insignificância para o crime.¹² Afinal, pobre não pode ter vontade de tomar uísque; comer e receber salário mínimo é o suficiente. Ser pobre, por si só, já é um crime.

Na esfera política brasileira não é diferente, nem na religião. Muitos dos que se posicionam contrariamente à corrupção e que defendem os valores conservadores da família tradicional brasileira, seja lá o que isso signifique, acabam envolvidos em algum crime.

Um dos pilares desse slogan, o pastor Valdemiro Santiago, é um bom exemplo de figura contraditória dessa tendência. Assim como nos confusos clãs evangélicos de Flordelis e dos Poncios, no de Santiago a fidelidade parece não ser um conceito muito respeitado. De acordo com Leo Dias, maior jornalista do Brasil para histórias caóticas e rocambolescas, Valdemiro teria afastado a filha dos púlpitos e das transmissões na TV depois que ela pulou a cerca. A pastora Raquel foi acusada de trair o marido, Filipe, com o assessor de seu pai. Esse rapaz, aliás, vem a ser ex-companheiro da irmã de Raquel.¹³

E você achou que eu estava exagerando quando disse que a história da família Santiago era tão rumorosa quanto a de Flordelis e a dos Poncios. Pois bem, a prova está aí.

Se houve traição ou não, não vem ao caso. O fato é que o casal se separou e que, depois disso, Filipe deu uma entrevista polêmica contando que a Igreja Mundial do Poder de Deus, liderada pelo seu ex-sogro, Valdemiro Santiago, está falida e afundada em dívidas.¹⁴

Segundo o ex-marido de Raquel, os Santiagos devem 800 milhões para ele, que atua como palestrante e teria emprestado dinheiro para a família cobrir os rombos causados pela ostentação. Esta baseada em viagens, voos particulares,

eventos, uma casa comprada em Ilhabela por 20 milhões de reais, várias aeronaves e um hangar com o nome da empresa.¹⁵ Fazendo uma análise rápida dos bens que Filipe listou, é possível concluir que a melhor maneira de empreender no Brasil é mesmo abrindo uma igreja. E isso você nunca vai aprender nos cursinhos do Primo Rico ou da Nathalia Arcuri.

O pastor Valdemiro, por sinal, já esteve no limiar de perder até os chapéus de cantor sertanejo antigo que usa sei lá por qual motivo em seus cultos. Em um período de apenas trinta dias, foi condenado em primeira instância em nada menos do que quinze ações. Todas as dívidas estão relacionadas ao calote no pagamento do aluguel dos imóveis ocupados por algumas das 6 mil filiais da Igreja Mundial do Poder de Deus, fundada em 1998.¹⁶

Os débitos chegavam perto de 3 milhões. Valdemiro alegou que a pandemia havia afetado as contas da igreja,¹⁷ só que o calote começou um ano antes de o vírus chegar por aqui, o que deixa a justificativa um pouco improvável. Mas só um pouco mesmo. Talvez o advogado precise ser mais criativo daqui por diante.

Ainda existe a suspeita de Valdemiro ter se apropriado de uma cifra milionária da instituição religiosa para evitar que as derrotas processuais afetassem o patrimônio da igreja.¹⁸ Essa tentativa de ser malandro chega a ser um clichê de tão comum que é entre os empreendedores que não podem andar nas ruas do próprio bairro por estarem devendo até no açougue.

Mesmo o prédio da sede da Igreja Mundial, no bairro de Santo Amaro, na zona sul de São Paulo, avaliado em 261,8 milhões de reais, foi a leilão após atingir dívidas de mais de 400 mil.¹⁹ Valdemiro alegou que a decisão foi injusta, por aprofundar a crise financeira do grupo religioso empresarial.²⁰

Eu poderia ter empatia com o nobre pastor, mas só depois de saber como ele costuma lidar com a inadimplência dos locatários dos imóveis que tem. Só para efeito de comparação.

E não para por aí: Valdemiro teve que repassar parte da fortuna para o PT. Explico: ao ser obrigado a fechar as igrejas durante a pandemia na Bahia, ele declarou que o então governador do estado, Rui Costa, tinha firmado um pacto com o capeta. Apesar de achar o Rui bem reacionário para alguém que se diz de esquerda, não me consta que tenha celebrado nenhum tipo de acerto dessa natureza com Bolsonaro. Ou seja: tratava-se de *fake news*.²¹

Flordelis, já mencionada aqui, tem um histórico um pouco mais pesado que o da família Santiago. A pastora e ex-deputada federal primeiro adotou e depois se casou com Anderson, que já havia sido namorado de uma de suas filhas. O caso não acabou apenas em baixarias típicas do programa *Casos de Família*. Flordelis contratou um matador de aluguel para assassinar o marido, foi condenada e perdeu o mandato.

Vale lembrar que, antes do assassinato, a história dela chegou a ganhar um documentário recheado de estrelas da

Globo, que cometeu o pior erro do audiovisual: transformar em heroína alguém que mal passou da metade da vida.

Esses casos são exemplos clássicos de como o Estado, aliado às igrejas, aos programas policiaiscos e ao discurso moralista, instrumentaliza a falácia “bandido bom é bandido morto”, mas depende. Depende do CEP, da cor, da religião e, principalmente, da conta bancária.²²



PLAYBOYS DE PORSCHE E A SOBRINHA DO TIO PAULO

A aristocracia brasileira pode ser considerada uma das mais ignorantes do mundo. Somos vítimas indiretas de suas atrocidades, mas felizmente não somos obrigados a conviver com essas pessoas.

Com os novos ricos, porém, a situação é diferente. Todos nós convivemos com eles de alguma maneira, seja numa relação profissional, pessoal, de lazer ou até mesmo inesperadamente, como quando um motorista emergente te atropela em um carro de luxo.

Isso tem ocorrido com certa frequência no Brasil, principalmente envolvendo modelos da marca Porsche. O que não deixa de ser irônico: uma marca cujo fundador tinha vínculos profundos com o nazismo²³ acabou caindo na preferência de fascistinhas, trambiqueiros e picaretas. Já perdemos as contas do número de Porsches que se envolveram em acidentes, mas vou destacar três deles.

Sim, de acordo com a mídia hegemônica, o correto é dizer que o Porsche ocasionou o acidente, e não seu condutor, que, apesar de quase nunca ser alguém muito importante, tem sempre dinheiro suficiente para comprar o silêncio. Basta ler algumas manchetes para entender isso.

Quem puxou esse bonde que deve ter colocado o relações-públicas da Porsche em maus lençóis foi o playboy e empresário do ramo imobiliário Fernando Sastre,²⁴ típico emergente do Tatuapé Lifestyle. Em maio de 2024 ele saiu de uma festa bebaço, ultrapassou em três vezes o limite de velocidade da avenida Salim Farah Maluf, na zona leste de São Paulo, colidiu com o Sandero do ubeiro Ornaldo Viana e matou o motorista.²⁵

Minutos depois a polícia chegou para registrar a ocorrência. Sem exigir que o condutor fizesse o teste do bafômetro, os PMs o liberaram para atendimento médico mesmo sem ele apresentar um arranhão sequer no rosto. Com essa chance de ouro dada pelos canas, ele ficou foragido por três dias.²⁶ Como o caso repercutiu demais,²⁷ a pressão popular levou Sastre à cadeia e hoje ele é colega de futevôlei do Robinho, em Tremembé.²⁸

Dois meses depois, também em São Paulo, mas desta vez na zona sul, Igor Saucedá perdeu a linha com o moto-boy Pedro Kaique Figueiredo, que supostamente quebrou seu retrovisor. Ele perseguiu o entregador, atropelou a moto, arrastou seu corpo e o prensou contra um poste, levando o jovem à morte instantaneamente.²⁹

Aos 27 anos, Igor é dono do Beco do Espeto, um restaurante construído num galpão fuleiro do Itaim Bibi que

precisou ficar fechado após populares jogarem um coquetel-molotov em suas dependências.³⁰ Igor também foi preso e o caso está sendo tratado como crime com uma brutalidade fora do comum. O motorista não havia ingerido uma gota de álcool naquele dia, o que agrava a situação.³¹

Em agosto de 2024, no bairro Santa Inês, em Belo Horizonte, um condutor de Porsche se incomodou com um motoboy que parou rapidamente em frente ao seu portão para fazer uma entrega. Em consequência, ele deu ré, derubou a moto, tomou o celular da mão do entregador e o chamou de lixo, dizendo que seu carro é que é foda, porque vale mais de 1 milhão.³²

O que esses três casos têm em comum para além da marca dos carros? A falta de educação típica dos novos ricos e emergentes do Brasil. Uma classe que não chega a acessar os marcadores sociais da elite, da aristocracia, dos herdeiros das capitania hereditárias, da elite imperial e dos barões do café, mas que faz todo o esforço possível para se distinguir da pobreza que já conheceu bem de perto e com a qual convive diariamente nas diversas interseccionalidades da vida.

Ter um Porsche é uma das maneiras de se distinguir, porque o novo rico é um aspirante social, que quer mostrar para a ralé que venceu. Mesmo que muitas vezes só ocupe essa posição confortável temporariamente ou por mero acaso, depois de montar um negócio surpreendentemente bem-sucedido, por conseguir contatos que lhe facilitam o acesso a locais aos quais ele jamais penetraria, por ter aplicado golpes ainda não descobertos, por ter praticado crimes,

por ter recebido uma herança ou simplesmente porque teve a sorte de ganhar um prêmio na loteria.

Veja bem: isso não significa que quem é pobre é naturalmente mal-educado e agressivo, mas aquele que ascende socialmente e mantém o rancor pela situação pregressa não esconde seu complexo de inferioridade e precisa provar que venceu na vida. Invariavelmente, no trato com os demais, a chance de ser escroto sempre é enorme.

Há os que se adaptam melhor e não deixam o progresso financeiro subir à cabeça, mas quem quer se encaixar em todos os estereótipos do novo rico puro-sangue será corroído por esses cacoetes. Que frequentemente são alvo de piada, como se viu com o Rei do Camarote em 2013.

Em uma sociedade dominada por influencers em ternos atochados e barba de minoxidil que vivem de vender cursos e querem te convencer de que são ricos posando ao lado de carrões alugados enquanto mostram Rolex falsos nos vídeos, ser uma caricatura ambulante é o novo normal para quem quer aparentar ser o que não é.

Se falei sobre a distinção da elite, não estava passando pano para ricos. A questão é que o código de conduta deles é outro, e a discrição é a melhor linha de ação. A aristocracia se envolve em muitos crimes também, mas geralmente dá preferência à corrupção em conluio com governos e rombos financeiros.

Basta assistir ao documentário *Democracia em vertigem* para perceber que a diretora, Petra Costa, demonstra uma enorme culpa cristã pelo fato de sua família, dona da

construtora Andrade Gutierrez, estar envolvida pelas falcatruas que tornaram Brasília o que é.³³

Para nós, que andamos por aí com carros usados financiados, ter um Porsche parece ser indicativo de ter grana demais. Mas nenhum desses proprietários e assassinos em potencial chegará perto de saber o que é riqueza de verdade.

Sabe o que é realmente ter dinheiro até o fim da vida sem se preocupar em trabalhar? É ser como Narcisa Tamborindéguy, que estudou na Sorbonne quando o acesso era mais restrito do que é hoje. A família materna de Narcisa era tão, mas tão rica que suas fazendas acumulavam 30 quilômetros de praias, englobando todo o litoral das cidades de Campo dos Goytacazes, São João da Barra e Quissamã.³⁴

Esses motoristas de Porsche são o que chamo de dublê de rico. Se fossem milionários de verdade, mesmo com mau gosto, morariam em alguma mansão neoclássica cheia de colunas jônicas e portas de 20 metros de altura, como a da casa do Gustavo Lima, imóvel símbolo da arquitetura greco-goiana.

Os porscheiros são apenas mais um sintoma do capitalismo tardio, de dinheiro feito na internet, em esquemas ilícitos ou empresinhas mambembes que cresceram tão rápido quanto o ego frágil de quem ainda se ressentido de um passado de fadiga severa e que aposta que para não voltar a esse lugar é preciso passar por cima de todos.³⁵ Nem que seja com o próprio Porsche.

O filósofo Vladimir Safatle³⁶ afirma que o colapso do patriarcado resultou não em formas de emancipação social,

mas, veja bem, em uma reação, uma emergência do nosso fascismo atual, que, diante do esvaziamento da figura paterna, opta por *performar* masculinidade. Ser um assassino atrás do volante, como um Dominic Toretto de baixo orçamento, é parte disso.

Safatle recorre a Lacan para embasar sua análise. Segundo ele, em vez de produzir emancipação, o colapso da “imagem paterna” gerou “ansiedade com a fragilidade do Eu, assim como tentativas de compensação através da identificação compulsiva com imagens duplicadas e ampliadas de si em posição de autoridade”.³⁷ Essas imagens podem refletir a de um político ou a de qualquer celebridade vulgar do Instagram.

Agora, vejamos outro crime famoso e recente que tomou rumos bem diferentes desses que eu mencionei. Me refiro ao Tio Paulo. A sobrinha e cuidadora do idoso, Erika Nunes, levou o tio, de 68 anos, a uma agência bancária em Bangu, no Rio de Janeiro, para tentar sacar 17 mil reais. O problema é que, quando chegou o momento de assinar o contrato, o Tio Paulo já tinha batido as botas e a funcionária da agência percebeu, inclusive comentando que a corzinha do idoso não estava muito saudável para alguém supostamente vivo, o que considero uma ofensa com aqueles que são pálidos por natureza.³⁸

Como vivemos no Brasil, uma situação que poderia estar em um filme pesadão de terror logo deu margem a memes e piadas que envolvem outros mortos, como Olavo de Carvalho. Não vou ser moralista. Admito que ri de alguns, apesar de ter consciência de que isso é errado. Já estou no aguardo da punição divina, Deus. Sei que mereço.

Mas, falando sério, porque o caso é sério mesmo: diferentemente dos playboys de Porsche, Erika foi presa em flagrante e teve a prisão convertida em preventiva. Foi indiciada por furto mediante fraude e vilipêndio de cadáver. A advogada alega que a cliente estava em estado de negação. Se eu fizesse a defesa, ainda diria que o atendimento demorou demais e o Tio Paulo morreu de tanto esperar; eu tentaria culpar o banco.

A família comentou que Erika tem problemas psiquiátricos, e confirmou que o empréstimo teria sido pedido pelo próprio Tio Paulo. A ideia era reformar o local onde ele morava, que estava em estado deplorável. O ex-marido de Erika, um pedreiro, havia feito um orçamento para a obra.³⁹

Agora uma pergunta: se a mulher foi presa preventivamente para não contaminar as investigações, as declarações de filhos, ex-marido e parentes já não seriam suficientes para permitir que ela respondesse em liberdade? Além disso, a história dela é bem diferente da de qualquer playboy de Porsche. Mãe de seis com apenas 42 anos, Erika tem dois filhos bacharéis em direito.

Personagem que parece ter saído do livro *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus, Erika é a protagonista de mais uma das tantas histórias em que uma mulher assume os cuidados de um parente doente. Porque é quase sempre uma mulher mesmo. Nessa situação, ela é obrigada a abandonar tudo – trabalho, vida amorosa, amigos, os filhos, cuidado pessoal, estudo, a libido – para ser cuidadora em tempo integral. Tudo isso sem receber um real e ainda sair prejudicada quando a partilha acontecer. Uma situação tão degradante

e abusiva que tem características de tortura indireta, porque sempre recai sobre um único membro da família.

O caso do Tio Paulo, em vez de gerar indignação seletiva, poderia fortalecer a discussão sobre remuneração e benefícios sociais para cuidadoras familiares, que exercem, sim, uma atividade profissional 24 horas, 7 dias por semana.

O governo Lula lançou em 2023 a Política Nacional de Cuidados,⁴⁰ cuja sigla, PNC, não foi muito bem pensada, apesar de ter virado lei, mas o que vale é a intenção. A ideia do programa é reconhecer essa parcela invisível da sociedade que dedica a vida a crianças, adolescentes e adultos que necessitam de cuidados especiais. Iniciar a definição de uma política para isso é urgente, principalmente porque vai gerar a inclusão da mulher no mercado de trabalho. Cuidar de um parente que amamos é uma ação necessária, mas a verdade é que quase sempre se torna um fardo.

Nesta nossa discussão sobre como o Brasil poderia se unir, precisamos perceber um elemento presente nesses casos: apesar das piadas, dos memes e da indignação, o que racha este país é o velho problema de sempre, a pobreza extrema, a desigualdade social.

Enquanto mulheres forem vistas como escravas dentro das próprias famílias, enquanto motoboys e motoristas de Uber forem alvos em potencial para que um emergente passe por cima com sua Porsche, será difícil aceitar o discurso da direita – isto é, de que o que racha o país são os eleitores do espectro político oposto lutarem pelo mínimo de dignidade, o que nem sequer foi conquistado no Brasil da Nova República.